



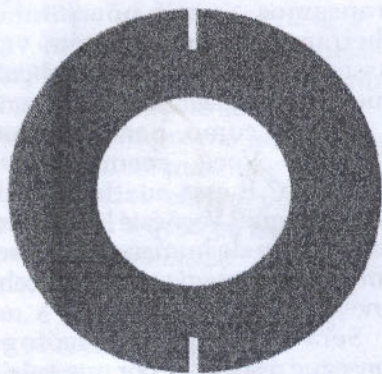
BOCA

BOLETIM DO CENTRO ACADÊMICO IARA IAVELBERG

Número 15

25 de agosto de 2004

IPUSP



Um Projeto de Redução de Danos para drogas sintéticas, recreativas e ilegais.

Stella Pereira de Almeida Pós - PSE

baladaboa

Há décadas de milênios o homem conhece empregos para muitas drogas psicotrópicas naturais. Mas foi, aparentemente, há cerca de cinco mil anos que Shen Nung, lendário imperador chinês, teria experimentado mais de 300 plantas, entre ervas medicinais e psicoativas, descrito suas preparações, efeitos e aplicações. Alguns o consideram o primeiro farmacologista. Ainda hoje usamos drogas naturais, com fins medicinais, espirituais e/ou recreativos. Mas é relativamente há pouco tempo que se opera um avanço determinante na farmacopéia humana: a produção de drogas em laboratório, a elaboração e manipulação artificial de substâncias químicas, a possibilidade de prescindir de princípios ativos naturais. O desenvolvimento da farmacologia e da engenharia química produziu as drogas sintéticas, drogas com maior especificidade de ação e efeitos colaterais minimizados. Um subconjunto dessas drogas seria composto por drogas que além de sintéticas, são consumidas com fins recreativos e vendidas ilegalmente, foco do projeto "baladaboa".

Há uma crença de que as drogas sintéticas são relativamente seguras, e menos prejudiciais do que outras drogas. Talvez por terem um aspecto semelhante a medicamentos

adquiridos em farmácias, ou seja, apresentadas em comprimidos, cápsulas, ou ampolas, tal crença seja de fácil repercussão. Mas é preciso deixar claro que ainda que não se tenha respostas para todas as perguntas sobre as conseqüências do uso das várias drogas sintéticas, "drogas seguras" é um termo absolutamente mal aplicado a elas. Um dos problemas é que por serem ilegais provêm de sínteses clandestinas desobrigadas de um controle farmacêutico. A incerteza quanto à composição e à concentração, faz com que por vezes sejam consumidas substâncias não pretendidas em quantidades desconhecidas, além de muitas impurezas.

O fato é: o uso de drogas sintéticas existe, está em ascendência e é valorizado por uma significativa parte da população. São necessários estudos etnográficos que diagnostiquem os padrões de uso e subsidiem o planejamento de campanhas preventivas éticas e direcionadas a grupos específicos. Só terão alguma utilidade políticas dirigidas e atentas ao público alvo, que ofereçam informações legítimas, adequadas e necessárias. É preciso substituir o arcaico e ineficaz slogan antidrogas

"Just say no", por "Just say Know", ou ainda por "Just say the truth".

É claro que sempre haverá indivíduos que irão optar por experimentar drogas, entre os quais alguns passarão a usá-las com maior freqüência. Concebendo como impraticável uma sociedade "livre de drogas", a política de Redução de Danos vem se mostrando muito eficaz em minimizar os riscos do uso de drogas. Para o indivíduo que já as utiliza, são fornecidas informações para que se ele não conseguir, ou não quiser deixar de consumi-las, que o faça com menores riscos sociais e individuais. Para proprietários de casas noturnas, empresários e organizadores de festas onde drogas sintéticas são usadas com freqüência, são elaboradas recomendações básicas de segurança. A Redução de Danos respeita a liberdade do indivíduo ao subsidiar suas escolhas. Alguns escolhem usar drogas. O objetivo da Redução de Danos não é fazer com que essas pessoas mudem suas escolhas, mas informá-las sobre que riscos correm e como diminuí-los. Se você usa ou já usou ecstasy suas respostas serão muito importantes para a construção de um programa honesto, necessário e urgente para o uso de drogas sintéticas.

Acesse, divulgue!

www.psicofarmacousp.psc.br

A Audácia da Clínica

Patrícia Rabaça (03)

RESUMO EXPLICATIVO:

a) Se o terapeuta só leva o paciente até onde já foi, parece que é necessário conhecer o sofrimento, mas não só ele, é necessário também conhecer a alegria e o caminho que vai de um ao outro. E isso não aprendemos na universidade; bem, talvez sim, mas não nas salas de aula!

b) O texto está centrado no lado pessimista, no momento de dor. Mas é claro que existe o prazer em estar com as pessoas e em fazer o que se gosta. Quero apenas refletir acerca do papel de um terapeuta clínico, suas fraquezas, limitações e principalmente na sua condição de humano, semelhante a do paciente e, por isso, quanta audácia!

TEXTO:

Será por causa de uma cultura de moral católica? Pela crença da vida após a morte ou simplesmente pelo gozo de viver? Gozo de viver? É, me parece que ele é sim legítimo e tão legítimo que nos possibilita a dor, o sofrimento, a frustração perante o desejo não saciado.

Mas a pergunta é: Como mostrar o caminho para alegria na condição de humanos e conhecedores do sofrimento que somos? Como levar o paciente ao bem estar se nos escondemos a cada dia? Disfarçadamente, mascaradamente, sigilosamente ou, aos mais corajosos- evidentemente?

Temos medo de olhar nosso buraco, reprimimos as pessoas para que ele não fique mais visível, explícito. É que não queremos ver que nos suicidamos a cada instante, que empurramos com a barriga, postergando, fingindo. Nos suicidamos seja arranhando as pernas, comendo as unhas, arrancando cada casquinha de ferida sem permitir a cicatrização. Vale a pena viver assim?

É melhor não reconhecer a dor e chamar de locos, sem vida e amor próprio os que ficam deprimidos, os que demonstram sofrimento. Talvez sejam os únicos sensatos nesse

mundo de dor, nesse mundo sem sentido.

É melhor cuidar do problema dos outros e não olhar para os seus.

Quando as possibilidades não existem mais, quando o desespero impera... o que temos a fazer? Ouvir um blá blá blá de amor próprio? Virar evangélicos? Monges, budistas? Ir para balada toda noite, pintar ou escrever tortuosamente em meio a lágrimas as lástimas que vemos no mundo? Métodos de escape... Ir ao psicólogo, confessar nossa incompetência em permanecer vivos, sobreviver? E não é ele apenas mais um nessa farinha? Não é ele que tentando curar seu próprio sofrimento passa mertcholate no dos outros? E arde e arde, arde mais que a emoção gostosa que criou essa ferida.

Qual o custo benefício? Uma vida inteira de análise, de recordações humilhantes e confirmação dos círculos, dos ciclos sem fim de alegria-dor... o fluxo incessante do rio que nunca desemboca na calmaria do mar.

Se ao menos tivéssemos a capacidade de virar um Dostoiévsky, um Nietzsche ou uma Frida. Se conhecêssemos a técnica. Se houvesse dinheiro e assistência suficiente, se houvesse uma licença "fechada para balanço"... Se pudéssemos ir viajar e conhecer todas as praias, os desertos... Mas e aos que já conhecem tudo? E aos que nunca poderão conhecer? Aos sem perspectivas, sem história, sem valor? O que resta? O que resta?!!! Passar horas em frente uma tv para não ter que pensar, para conseguir permanecer- sem reagir. ?????

Nos enfiamos num centro espírita acreditando que escolhemos essa vida, essa merda de vida foi escolhida por nós antes de nascer? Tomamos passe, fazemos biodança feito uns ridículos procurando aliviar a dor. A dor que engolimos e não passa, não passa porque é a dor de viver.

Então vamos todos ficando, bebendo, chorando, pagando nossa análise e mantendo o ciclo. Não pode quebrar. Vamos ao cinema, transamos um pouquinho, cheiramos farinha e assim vai. Assim vai nessa palhaçada ridícula que herdamos sem saber de quem.

Enfim como pensar nesse buraco? Você reconhece a amargura? E essa sua formação? Serve pra que? Você está habilitado, na condição de humano, a não ser um psicólogo medíocre? O que cabe a nós?

Será que algum psicólogo consegue responder por que vale a pena viver? O que vamos dizer aos nossos pacientes? Que a vida é assim?

Haja fôlego.

BOCA

COMISSÃO ORGANIZADORA

Daniilo Silva Guimarães (01),
Fernanda Silva Gonçalves (03),
Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas
Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues
(01), Patrícia Ferreira Rabaça (03) e
Tânia Lisboa Machado (03)

Diagramação: Paulo Pita (03)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A.C.O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12:30min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

Sobre a escolha dos "Referenciais Teóricos"

Ricardo Silva (Pós-PST)

Existe algo de verdadeiramente religioso na escolha de um referencial teórico. Quando ouço e me falam, sobre como se

"escolhe" o dito referencial, é algo que não cessa de me causar arrepios. Parece tratar-se mesmo de **predileção**, pois se eu pergunto, sempre me respondem com a seguinte máxima: "escolhi tal referencial teórico, por ser aquele com o qual eu mais me identifico", ou então "é porque ele combina comigo..." "Pois bem, é mais ou menos assim que se escolhe um credo religioso.

Não existem critérios objetivos para a escolha de determinada doutrina filosófica, política, religiosa ou psicológica. Para começar, os alunos de psicologia raramente conhecem de forma profunda qualquer referencial teórico dos que dizem professar. Primeiro porque não estudam mesmo, e segundo por acreditarem ingenuamente que todos os referenciais se equivalem (por mais que nem sempre ajam de acordo com essa premissa). Em sendo assim, não existiria, portanto, a necessidade de um critério objetivo de escolha - escolhemos aqueles que menos se chocam com nossos próprios preconceitos ou patologias psíquicas.

Neste sentido a psicanálise possui a **desvantagem de apontar para estruturas de personalidade rígidas e estáveis**. Por isso os que se diagnosticam como psicóticos ao longo do curso, preferem o "existencialismo" (ou a gestalt e o behaviorismo, que não se ocupam muito com esses problemas), vindo em tudo somente um "modo de ser do ser-aí". Os mais místicos, psicóticos ou não, preferem as versões açucaradas das práticas religiosas do passado

convertidas em inúmeras psicoterapias, na minha opinião a saída mais fácil e perigosa, porque poupa o trabalho de longas horas de estudo (basta entrar em transe e aguardar a revelação intuitiva da verdade), além de igualar opinião insana com opinião saudável." A idéia é a de que se escolha um referencial teórico que nunca venha a lançar luz sobre os "pontos cegos" daquele que faz a escolha. Eis aí uma das facetas do critério, que, como se pode notar, não é mesmo dos mais objetivos, mas existe: o critério de escolha parece ser **inconscientemente DEFENSIVO**.

Eis aí exatamente o motivo pelo qual, neste Instituto, evitamos a todo custo discutir com os professores, ou entre nós mesmos, referenciais teóricos: simplesmente porque gosto não se discute, tanto quanto não se discute religião, **argumento que de fato esconde a verdade de que aquilo que se furta à discussão está assentado em uma complexa dinâmica que foge ao conhecimento do sujeito. Por isso ele defende a irracionalidade de seus pontos de vista como defenderia sua própria vida..** A função defensiva da rigidez harmoniza-se bem com um preceito difícil de ser removido entre nós, estudantes de psicologia; aquele do **relativismo**. O mau uso desse preceito da antropologia cultural nos conduz à crença de que qualquer absurdo pode ser enunciado sem verificação, posto que a princípio duas opiniões divergentes não possuem diferenças quanto a seu *conteúdo de verdade*: são ambas verdadeiras ou potencialmente verdadeiras, e por isso mesmo igualmente possíveis sob a afirmação de que tudo, afinal, é

relativo. Como se todas as religiões e todos os gostos fossem igualmente justos

Porém, essa idéia é visceralmente falsa. Existem sim, **diga-se logo, teorias MAIS e MENOS verdadeiras, e um amplo debate sobre o tema nos ajudaria muito a entender quais as verdades e as falsidades de determinado referencial teórico**. Deveríamos tentar, tanto quanto possível, escolher segundo critérios racionais, de acordo com a **força dos argumentos e não segundo nossas impressões**, mas para isso precisaríamos compreender o que nos faz insistir em uma escolha declaradamente falsa. Sempre que me deparo com os critérios de eleição de determinada teoria pelos alunos, o que vejo é uma sucessão de hábitos, impressões pessoais, preconceitos e atos de fé.

E se insistirmos no ponto, recusando explicações superficiais e ancoradas no sentimento, corremos o sério risco de irritarmos profundamente nosso interlocutor. Nervoso, acuado, vendo ruir sua frágil argumentação, ele finalmente deixa cair a máscara, com uma última e desesperada tentativa de fundamentar sua escolha: — "eu gosto... eu acho que tem a ver... pra mim ela faz sentido...". De fato ele não mente, "o argumento que vinha agonizando desde o início da discussão morre, vítima de suas próprias contradições, mas mesmo defunto ele ressuscita diariamente entre nós, porque a angústia de nosso companheiro mantém longe da consciência os critérios obscuros que nortearam sua escolha, e lhe serve de aviso.

E-mail: psicologia.usp@bol.com.br

A porta

Ronaldo Lopes Coelho (04)

A porta novamente bateu. Desde a morte de seu marido aquela era a quinta vez. A solidão unida ao desespero contido naquela inocente música de piano proporcionava desesperança.

Mais uma vez desceu as escadas, vagorosamente. O som vinha do porão como havia desconfiado. Pensou em fugir. Mas para onde? Seu ex-marido era a única família que possuía naquela nova cidade. Pensou em ligar para a sua mãe. A linha do telefone ainda não havia sido instalada. Já era madrugada e o medo a impedia de pensar em qualquer solução. Não havia nada a fazer... E continuou a descer...

Na medida em que descia a melodia tornava-se mais desesperadora. Seus olhos fitavam todas as direções e se encontravam imagens de sua própria imaginação em meio aquela escuridão.

Desde o dia em que a polícia vasculhara e interditara a casa, ela não mais entrou naquele porão, a imagem do assassinato a aterrorizava. Caminhou lentamente até a porta que dava para as escadas do poro, olhou mais uma vez ao redor, fitou a fechadura e veio-lhe um calafrio intenso quando tocou a maçaneta

– j se tornara rotina essa cena em sua vida

– abriu-a então, vagorosamente. O ar fugiu-lhe dos pulmões. Como das outras vezes, o rangido das dobradiças pareceu-lhe desligar a música; tocou em vão o interruptor, as luzes não acenderiam; tentou então fix-la aberta enganchando a maçaneta no corrimão, e subiu de volta ao quarto.

A porta novamente bateu. E a música novamente tocou. O medo encontrou seu auge naquela noite, o cobertor tornou-

se pequeno, a cama pareceu alargar-se, a casa escurecia cada vez mais, os ventos estremeciam as janelas e o que antes já era macabro tornou-se aterrorizante.

Treze dias depois a polícia retornou residência. Os vizinhos encontraram-se surpresos pelo constante silêncio durante aquelas duas semanas. Ao entrarem no quarto do casal, encontraram debaixo do cobertor o corpo. O laudo afirmou: parada cardíaca.

Não se ouvia mais o som da melodia. Desta vez os policiais não revistaram o porão e por isso não descobriram que o que matou aquela jovem senhora foi a caixinha de música que um dos oficiais deixou cair no canto esquerdo do primeiro degrau daquela escada. A tampa do porta-jóias sempre empurrava a porta que batia, e a melodia começava...

Fevereiro de 2003

Nós e os bichos

BOSSI (func. do Bloco F)

Texto digitado e enviado por José Israel (01)

Hoje, eu estava sentado no banco do jardim e comecei a prestar atenção nos bichos (animais) que me faziam companhia. E, pensando, imaginei que eles realizam tarefas como os seres humanos. A FORMIGA, inseto que vive em sociedade, é como uma pessoa previdente; um formigueiro é um ajuntamento de pessoas. A ABELHA, Apis Mellifica, conhecida como doméstica; logo você imagina a vovó, a mamãe ou a eficiente dona de casa. O PÔNEI, cavalo pequeno da Bretanha, mas ágil e fino; vem a nossa mente um secretário inteligente de uma empresa. O JOÃO-DE-BARRO, pássaro construtor; a ligação

seria com o engenheiro na construção de um grande prédio. O CORDEIRO, equiparamos com uma pessoa mansa, calma e preparada para as soluções do dia a dia. O POMBO-CORREIO, utilizado para levar comunicações e correspondências, poderemos lembrar dos nossos repórteres, jornalistas e comunicadores em geral. O PAPAGAIO, imita a voz humana; a ele igualamos as pessoas do teatro e grande atores. O URUBU, que se alimenta de carniça; este lembra os indivíduos que se alimentam das desgraças alheias. O último e o mais cruel, o ESCARAVELHO, besouro preto que vive no meio de excrementos, é equiparado

aos seres humanos que fazem o trabalho sujo numa empresa, a fofoca, a perseguição e a demissão de pessoas honestas.

Qual desses bichos mais tem a ver com você? E com os seus amigos?



42 anos do Psicólogo: Como foi a

“comemoração”
Domenico Hur (pós-PST)

A semana do psicólogo foi marcada por discussões, comemoração e eleições. Em algumas faculdades houve Semanas Acadêmicas, como de praxe; na USP tivemos uma discussão crítica acerca do “estado da arte” e as eleições do CRP, enquanto na CUT teve a posse da nova gestão do Sindicato dos Psicólogos.

No dia 25 fizemos a discussão na USP, “Psicologia, Profissão e Políticas: E o IPUSP?” para refletir sobre a Psicologia enquanto profissão no Brasil e as resoluções dos Conselhos. Maria Inês Assumpção Fernandes abriu a mesa discutindo as vicissitudes na Formação com o projeto de Reforma do Ensino Superior. A seguir, Adriana Marcondes relatou sua experiência no CFP, algumas realizações e os espaços de participação. Já Letícia Carvalho, representante estudantil (da CONEP) teve uma fala mais contundente, criticando o silenciamento imposto aos estudantes no CNP. A diretora Maria Helena Souza Patto teve a fala mais crítica, denunciando o discurso do compromisso social dos Conselhos como ideológico e panfletário, pois não havia um uso rigoroso da noção, no qual caía numa indiferenciação de práticas e que na maioria dos casos denotava mero assistencialismo e ou trabalhos que não correspondem às atribuições profissionais dos psicólogos. A discussão com o público foi curta, devido a escassez de tempo, e nela emergiu questões de

problemas internos do IPUSP, ao invés de um maior aprofundamento da questão proposta. De qualquer forma, o debate foi avaliado como positivo e terá prosseguimento como Seminários mensais, intitulados “Psicologia: Formação e Profissão”.

Dia 26 na CUT, teve a posse da nova gestão do Sindicato dos Psicólogos, inclusive com a entrada de dois ex-participantes do COREP, hoje psicólogos. A cerimônia foi aberta Nacional da CUT, aparentemente ligada ao PT (devido ao adesivo). Tomou a Reforma Sindical a priori sem críticas e explanou a importância do Sindicato dos Psicólogos se filiar organicamente à Confederação Nacional dos Trabalhadores de Seguridade Social (CNTSS). E com a reforma existe a possibilidade de extinção do Sindicato. Fernanda Magano, ex presidente, numa fala muito afetiva, encerrou seu mandato para o psicólogo Luis Carlos de Araújo assumir. Essa “nova” gestão é uma continuidade da anterior.

Dia 27, o dia do psicólogo, foi marcado pelas eleições do CRP e CFP. Chapa única novamente e um monte de psicólogos reclamando que tinham que votar. Fiz boca de urna na USP para discutir as políticas da Psicologia e chamar os psicólogos para participar, porém encontrei desinteresse, pressa e em alguns casos apatia. Eles viam o fato de haver chapa única como piada e questionavam a inexistência de uma

chapa de oposição, como se questionassem onde é que estava o Coringa, inimigo do Batman.

E a questão que fica é, e aí?

Serviço de Alunos - Graduação ÉPOCA DE RETIFICAÇÃO E MATRÍCULA EM OPTATIVAS DO IP REFERENTE AO 2º SEMESTRE DE 2004

DE 20 à 24/09/2004

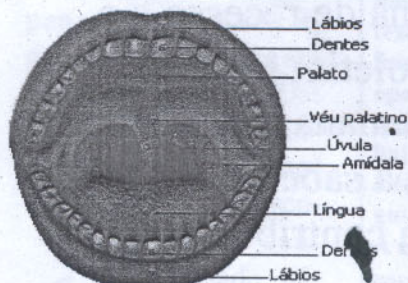
HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
09:00 às 12:00 horas e das 13:30 às 17:00
horas

Somente será permitido 01 (uma) procuração por aluno para as disciplinas optativas com limite de vagas.

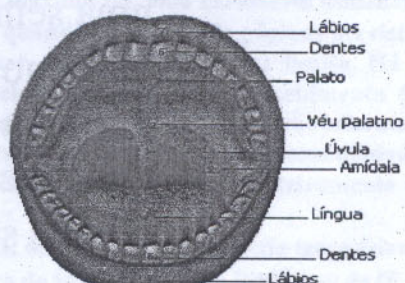
OBS: A sistemática de matrícula em disciplinas optativas do IPUSP requer/permite que o aluno participe das primeiras aulas antes de efetuar sua matrícula.

Informamos que a matrícula nas disciplinas optativas do IP, NÃO SERÁ POR ORDEM DE CHEGADA.

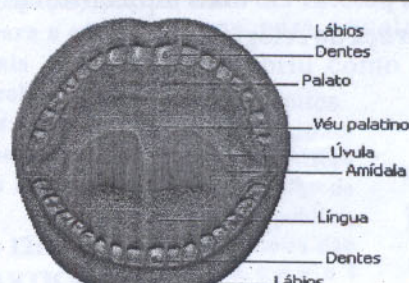
Foi solicitado aos docentes que seja enviado à Secretaria de Graduação a Lista de Alunos que poderão efetuar Matrícula em sua disciplina, respeitando-se o número máximo de vagas previamente estabelecido. ↓



Conjunto da CAVIDADE BUCAL



Conjunto da CAVIDADE BUCAL



Conjunto da CAVIDADE BUCAL

Entrecortes - Lonely

Bandex

Carioca (02)

Um dia ensolarado na praça do relógio, passeio entre arvores e casais deitados na grama. A fila do bandeirão à 1:20 não costuma ser grande, mas ainda havia. Enquanto eu boi me aprumo esperando o feijão com arroz nosso de cada dia a cabeça se esvazia como que querendo fugir de mim. O tempo flui tranqüilo e a fila é rápida; na bancada ao lado um jornal bolchevique vangloria a vitória Chavista e uma edição do Claro! fala sobre bebidas. Bebidas me interessam mais que opiniões bolcheviques. Leio rapidamente o editorial, mostro meu crachá e o tíquete para a tia simpática e entro em outra fila. Sempre há mais uma fila. Organizar, classificar, ordenar para que não ajamos como animais incivilizados. Ainda bem que não há mais guerras – e eu quase me conformo. O jornal da mão passa para a mochila pois está na minha hora de me servir. Um prato, garfo, faca, meia colher de arroz, uma de feijão, falo que não como carne e peço duas colheres de batata soute, me sirvo bem na salada, pego duas mexericas e um copo do suco amarelo (laranja, eu acho).

Arrumar lugar para sentar nem é difícil quando se está sozinho... uma solidão cabe em qualquer lugar (oh, pífias metáforas!). Como com pressa, como sempre, mastigando pouco enquanto os olhos flanam sobre as letras que pairam no jornal. Minha mãe me dizia que um dia eu vou morrer disso, que ia ter uma úlcera e coisa e tal. Acho que ela está certa, visto que meu estomago não é o mesmo há algum tempo e eu não parei de beber... Todos nós morreremos, ao menos posso me dar ao luxo de escolher a causa. Nada de morte gloriosa para me mitificar, eu espero menos glamour da vida. Bebo o resto do copo de suco, junto as tralhas, guardo as mexericas para comer na praça e levo o prato sem restos para os homens sem rosto que lavam nossa sujeira.

O corpo sai satisfeito, eu nem tanto, para passear em mais uma tarde ensolarada na praça do relógio...

Enviado por Daniel Horibe (0) · AO VIVO
É #@\$%^&*(*^\$%#@!@\$%&*(7&%#
PESSOAS BRINCANDO NO ORKUT
NA PRÓ ALUNO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! E AINDA É
FIM DE SEMESTRE.....

PRECISAMOS MONTAR UMA
CLINICA PARA ESSA NOVA DROGA
QUE CORROMPE A SOCIEDADE QUE
PREJUDICA. ESSES VICIADOS
PREJUDICAM OS DEMAIS ALUNOS E
DEVEM TER SUAS MATRICULAS
TRANCADAS PELA AUTORITÁRIA
Casa Gersiana, A CLÍNICA DO NOVO
MILÊNIO.

A CO do BOCA
gostaria de agradecer a
colaboração do Paulo Pita
na edição passada, que
diagramou o boletim num
gesto de solidariedade !!



E esse o último BOCA do
“primeiro semestre”. Faremos
uma semana de recesso e o
próximo boletim sairá na
primeira semana do “segundo
semestre”, a saber, dia 13/09.
Mande sua contribuição !



Uma pedra que deu sopa *

José Israel (01)



“A gente sai do Sertão, mas o Sertão não sai da gente.”

Guimarães Rosa

Um homem anda sorumbático pela caatinga cearense sob um sol a pino, numa trilha de barro batido e seco, que deixa à vista um certo acúmulo de poeira e alguns pedregulhos.

Nordestino, cinquentão e já curtido pelo sol, ele há mais de um dia quase não come, pois não tem o quê, nem onde o encontrar. Mas isso já nem o incomoda tanto, pois nos seus últimos anos acostumou-se a viver só e comer pouco. E leva consigo apenas uma panela mal lavada, palitos de fósforo e uma cabaça com água.

À margem da trilha, o nordestino encontra uma pedra oval e muito lisa, como seixo em leito de rio. Olha-a, displicentemente, pois vê apenas uma pedra que cabe em sua mão. Mas algo acontece quando a pega e a traz aos olhos. Subitamente, reflexos do sol inclemente cegam-lhe as vistas. Há tempo ele não vê algo assim. Encantado e com o pensamento a vagar, guarda-a lentamente em um bolso da calça. Daí

em diante, quando se sente cansado, pá-

ra, bebe um gole d'água, mira rapidamente o sol em seu rumo ao poente e sua luz mortiça. Lembra-se então dos vívidos reflexos luminosos na superfície da pedra e do maravilhamento que ele sentiu naquele instante... Revitalizado, volta a caminhar.

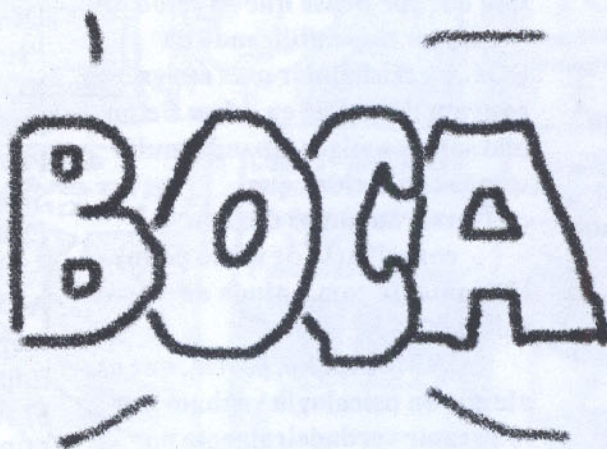
Enfim, com as pernas já muito pesadas, o nordestino chega-se a um canto da trilha, senta-se no chão, sente a pedra junto à perna e a acaricia. Vem-lhe, novamente, a fome e ele, já pensando em somente água beber, retira a pedra do bolso e a traz aos lábios. Sente sua textura... e uma fome enorme... Mas a pedra, embora bela como

uma clássica escultura, é, como esta, fria e dura. Será que ele poderia...?

Lembra-se o nordestino dos outros pertences seus. Logo pensa em cozinhar longamente a pedra e fazer uma sopa! Certamente, a sopa seria só água com gosto de pedra, mas já seria uma água diferente. Imediatamente, ele faz uma fogueira, põe nela a panela com água e a pedra. Que desatino... Mas, logo passa por ali outro caminhante, que, informado da absurda pretensão daquele homem, condói-se, dá-lhe algo para a sopa e se vai. O mesmo o fazem em seguida outros caminhantes.

Depois de muito cozinhar, o nordestino recolhe a pedra e a leva à boca. Sente rapidamente que ela, ainda bela e dura, queima-lhe os lábios. Vem-lhe o impulso de a lançar bem longe, mas, com muito esforço, contém-se e simplesmente a deixa de lado. Logo sente um aroma que lhe vem da panela, chega-se a ela e percebe então que sua obstinação, desesperada, e a solidariedade humana tornaram real o que era delírio. Ele tem uma bela sopa para aquela noite e descobriu como tê-la em outras noites.

* Paráfrase de conto “A sopa de pedra”, de domínio público, cuja autoria não conseguiu identificar.



Boletim do Centro Acadêmico Iara Iavelberg
São Paulo 05 de setembro de 2004

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA
Danilo Silva Guimarães (01), Fernanda Silva Gonçalves (03),
Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel
Guedes Rodrigues (01), Patrícia Ferreira Rabaça (03),
Roberto Lustosa de Andrade (02) e Tânia Lisboa Machado
(03)

Diagramação: Patrícia (03) e Danilo (01)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12:30min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!



Um Elogio ao NAC

Ricardo (psí - pst)

NOTAS DIVERSAS

José Israel (01)

DISSERTAÇÕES E TESES

CANDIDATO(A): LUIZ CARLOS AVELINO DA SILVA

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
Título da Tese: "A REINVENÇÃO DA SEXUALIDADE MASCULINA NA PARAPLEGIA ADQUIRIDA"
COMISSÃO JULGADORA:
Membros Efetivos: Prof. Dr. PAULO ALBERTINI - Orientador - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP; Prof. Associado MARIA JULIA KOVACS - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP; Profa. Dra. MARIA LUISA SANDOVAL SCHMIDT - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP; Profa. Dra. MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS - Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP - USP; Dr. FLÁVIO ROBERTO CARVALHO FERRAZ - Consultório Particular

COMUNICADO: Data Defesa Pública: 14 de setembro de 2004 às 14:00h
Local: Anfiteatro do Instituto de Psicologia - IPUSP

Devo confessar que esta é a primeira vez que eu escrevo ao BOCA para tecer elogios sobre a atuação de algum grupo ou núcleo de estudos surgido entre nós. E não faço isso por mera antipatia para com os profissionais de psicologia - dos quais faço parte - mas porque raramente encontro motivos para elogiar o que quer que seja, tendência essa nascida do desencanto de quem vê a psicologia afastar-se perigosamente dos problemas mais prementes em nossa sociedade. Mas chegemos logo ao ponto.

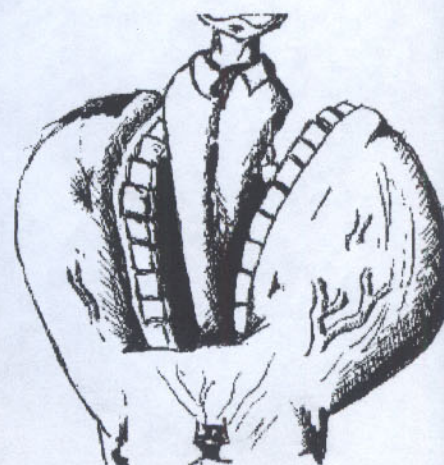
Como é de costume leio o BOCA semanalmente sem atentar muito para os autores das matérias, e sim para a chamada do título. Pois bem, nesta última quarta-feira li a matéria que instava os alunos do instituto a participarem de um grupo de estudos do NAC. Como eu não tinha a menor idéia do que diabos seria esse tal de NAC, e já bastante escaldado com essas siglas pomposas porém vazias do IP (como AP, SAP, LEFE e afins), decidir ler o texto para me informar e descobrir do que se tratava.

Foi aí então que fui surpreendido por algo que me pareceu bastante sério. A matéria maldizia essa "crítica recorrente" e superficial que tomou de assalto nosso instituto (e não só ele), por mais que o texto fizesse referência ao próprio NAC, pelo que pude entender. O texto, desencantado com os rumos de nossas categorias de análise aponta para um esforço de tentar compreender o núcleo do de nossa própria história (claro está

que não existe nada de novo nesta tentativa, a novidade mesmo reside em isso ter sido pensado por alunos de psicologia). Sendo coerente com essa lógica a matéria propõe como texto de trabalho "A razão na história" de Hegel. Bem, aí resolvi retornar ao título para descobrir o "autor" da matéria. Já deveria mesmo ter desconfiado que se tratava de *frau* Mariane Ceron. Mas antes que o leitor pense que eu estou tão somente me utilizando do BOCA para bajular uma amiga, convém dizer que eu e *frau* Ceron não somos amigos, quando muito somos conhecidos que conversaram umas duas ou três vezes (com consciência de nosso povo) tão somente com a ajuda da psicologia.

Duvido muito, porém, que os alunos da psicologia venham a se interessar verdadeiramente por um núcleo de estudos assim constituído, pois seriedade não é mesmo o nosso forte. O que não significa que o NAC haverá de pregar em vão, pois haverá sempre alguns *predestinados* com coragem bastante para elucidar, com vocação para o *proibido* e consciência para verdades mudas. Daí a utilidade da insistência que nunca desespere. E, além do mais, tal como nos ensina Nietzsche, convém ser íntegro (e rígido) nas coisas do espírito e ter ficado indiferente às inquirições sobre a utilidade da verdade, porque a verdade é sempre útil, por mais que nunca venha a se tornar um destino.

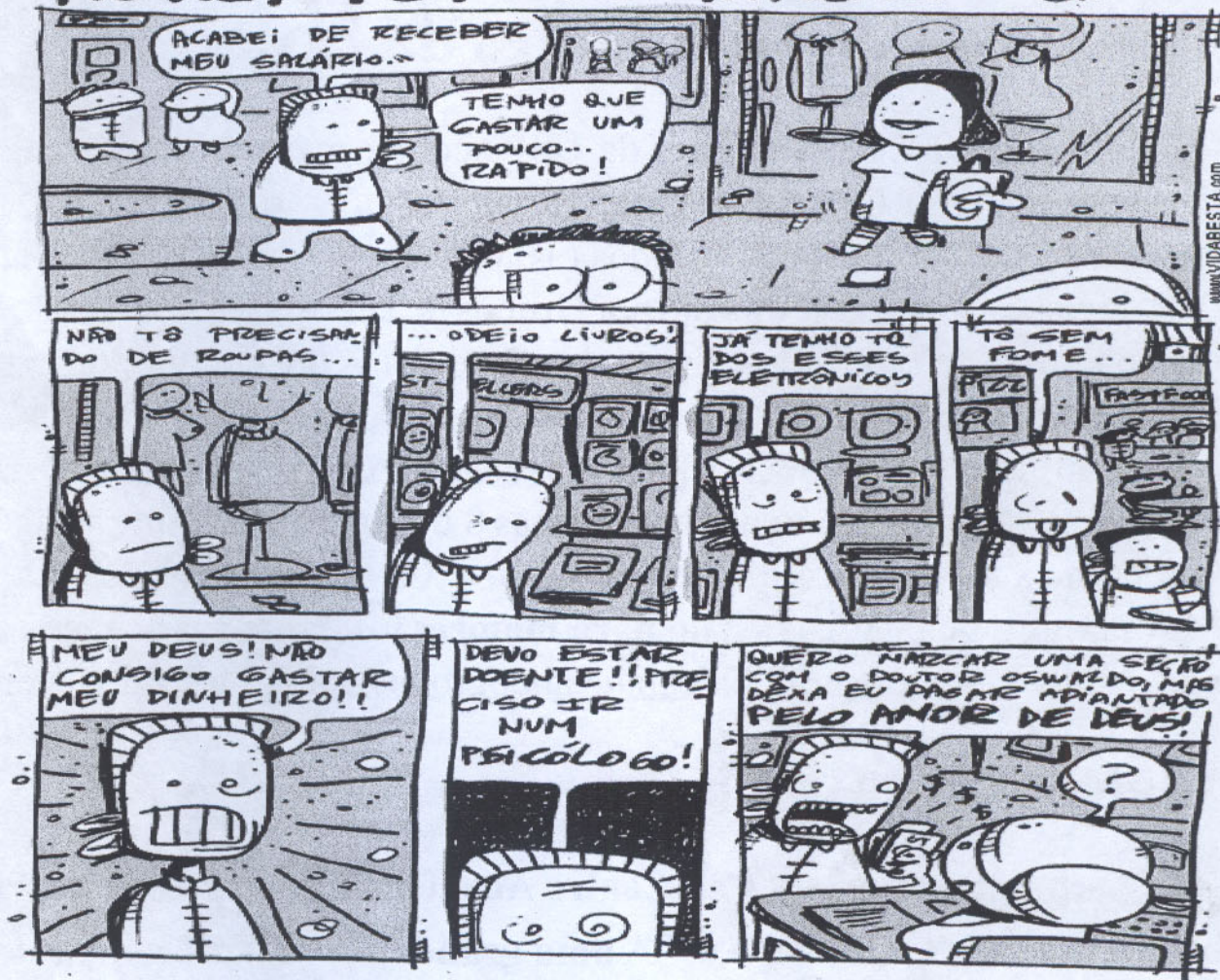
E-mail: Ricardo.psicologia



enviado: Patrícia (03) e Danilo (01)

enviado por
Patrícia Robaça (03)!

MONEY FOR NOTHING... POR GAIÃO



A todos os usuários do bloco D - mudança nos procedimentos

Enviado por Renato (02)

Com o objetivo de otimizar o uso coletivo das salas de agendamento a Comissão Coordenadora do CAP implantará a partir de 13/09/2004 o **agendamento por meio de fichas individuais**. As fichas deverão ser retiradas (de segunda à sexta das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas), preenchidas e entregues ao recepcionista (Paulo) e, na ausência deste, aos vigias (João e Orsino) no momento do agendamento.

Os profissionais/alunos ao assinarem o livro de fluxo de usuários do CAP deverão **confirmar** na recepção o **atendimento na sala e horário previamente marcados na ficha**. A não confirmação do uso da sala por 3 vezes consecutivas e não justificadas poderá implicar no **cancelamento da reserva**.

É importante ressaltar que o trabalho da Comissão está concentrado no aprimoramento do uso **coletivo das dependências do CAP** e, portanto solicita a cooperação de todos na implantação deste novo procedimento que resultará no melhor aproveitamento das salas de atendimento.

Os membros da Comissão colocam-se à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Comissão Coordenadora do CAP

Lembranças da Iara CAII

Congresso de Estudantes da USP

O **8o. Congresso de Estudantes da USP** acontecerá entre os dias **18 e 19 de Setembro**. Serão discutidas nele, várias questões referentes a **USP e a organização dos estudantes**. Todos (as) os (as) estudantes podem participar do Congresso que será composto por Grupos de Discussão e Plenárias. Por ser um congresso de estudantes, a participação de cada um é muito importante se informando, discutindo, levantando questões, discordando, construindo. Porém a votação na plenária final é feita por delegados (as) tirados (as) em cada unidade. A Psicologia tem direito a apenas **8 delegados (as)**, que serão **eleitos (as)** por nós **nos dias 14 e 15 de Setembro**. Os (as) interessados (as) em se **candidatar a delegados (as) ou para maiores informações** devem enviar e-mail para o e-groups do C.A. (caii@yahooogroups.com) até 13 de Setembro.

Eleições do CAII

Você acha que quem está no Centro Acadêmico (CA) não te representa bem? Nem mal? Você acha o CA uma grande zona? Você acha que nesse ano você poderia se dedicar mais às questões que o CA discute e realiza? Você se indigna com alguma coisa no mundo? Gostaria de discutir mais sobre Reforma Universitária, formação em Psicologia ou sobre o estágio de Psicopato? Você não faz idéia do que o CA faz, nem de quem faz parte dele, mas têm uma leve curiosidade? Acha que falta reflexão no seu dia-a-dia? Quer fazer montes de viagens, conhecer pessoas interessantes e pessoas poderosas do país e projetar sua futura carreira política?

Nos dias 13 e 14 de Outubro serão as eleições do CA. Enquanto isso a chapa (ou as chapas) está sendo montada. Se você ainda não foi assediado por ninguém, preste atenção nas articulações e nas **discussões que vão acontecer no mês de setembro e outubro**, participe, veja se algo te interessa, se algo te diz respeito, se as pessoas envolvidas compartilham suas idéias, se seriam boas de trabalhar junto. Senão, se está tudo muito ruim e contra o que você acredita chame pessoas que você conhece, monte uma outra chapa.

Clínica psicológica para os estudantes de psicologia (graduação e pós)

Paulo H. Quintana 02

Em conversa com o Prof Dr Gérson Tomanari na quinta-feira da semana passada e com o testemunho da Profa Dra Marilene Proença, eu e mais alunos de graduação empreendemos uma discussão sobre a necessidade já muito antiga e até pra lá de óbvia da existência de apoio psicológico clínico para os estudantes desse instituto.

Chegamos a um consenso de que, sim, é normal que em todos os cursos existam alunos que se deprimem, surtem, ou até “pirem”, se ausentando do curso por variados períodos.

Em geral se nota suas faltas mas quase nunca se faz alguma coisa que saia do âmbito das ajudas dos amigos mais próximos. Normal. Mas aqui isso deveria ser normal? Meio contraditório, paradoxal, para não dizer até hipócrita. Aqui se estuda para tratar esse tipo de mal na vida das pessoas, direta ou indiretamente.

Como disse o próprio professor: há um consenso de que os futuros psicólogos devam passar por psicoterapia no decorrer de sua formação, e este é muito bem difundido por este instituto.

Lembro-me claramente: no primeiro ano a professora Isabel Leme disse em uma de suas aulas iniciais: quem precisar de ajuda pode nos procurar, e inclusive, há um serviço clínico aqui na faculdade que está à disposição dos alunos.

Bem, de fato, toda vez que necessitei de orientações e a procurei ela prontamente cumpriu o que anunciara. Entretanto, quando procurei a Clínica do IP-USP, fui informado de que por motivos éticos a clínica era aberta à comunidade, com exceção...dos alunos desse instituto! Ainda que se ofereça uma rede de apoio que trabalha com preços simbólicos, ela é localizada fora da USP, difusa e não está oficialmente ligada ao IP da mesma forma que o serviço prestado à comunidade “extra-IP”.

Pelo que entendi já estive para sair um acordo com o H.U. pelo qual ficava acertado que o IP ofereceria sua Clínica à comunidade USP, enquanto a clínica psicológica do próprio H.U. seria a referência para nossos estudantes. Quando na última hora houve um veto que impediu o acordo. Gostaria de saber dos estudantes do IP se há interesse em reavivar essa discussão e levantar as causas do fracasso desse acordo, ou mesmo de tentar estabelecer algum movimento para definitivamente acabar com essa situação vergonhosa e que deixa esse vazio contraditório enorme em nosso instituto.

Será que topa com um professor que nos atendeu na clínica é mais constrangedor do que ver alunos expostos a um conteúdo de alta carga emocional como é o nosso, sumindo ou tendo surtos durante anos sem que nada seja feito no sentido de dar-lhes suporte? E a opção que não esbarra na tão temida questão ética? Por quê teria sido barrada?

História do Tito: a clínica da Vet não atende nem quem não é da VET!

Esse é o nome de um filhote de vira-latas (agora meu amigo) que estava abandonado em uma caixa atrás do restaurante da Educação há dois meses e meio.

Estava com sarna e muito assuatado. Fui difícil resgatá-lo, mas foi possível e desde então ele permanece internado numa clínica veterinária. Está bem melhor mas a recuperação precisa continuar. Seu estado passou de lamentável a razoável. Agora esperemos que passe a totalmente recuperado e com um bom dono! Só que para tanto serão necessários recursos. Os meus e da Marília – a conta já está em quase 700 reais (sim ela me ajudou mesmo tendo feito tudo que fez pelo Pascoal). Alguém gostaria de ajudar? Haverá uma caixinha na Val e eu e o Tito agradecemos! E donos são bem-vindos. Fotos serão publicadas num futuro breve. No momento ele está com vergonha, pois está em tratamento de pele!!!

PS: aproveito a ocasião para ressaltar a coragem e a bondade que tiveram alguns amigos no salvamento (e dane-se se é rasgação de seda) do nosso Pascoal (desculpe se eu esqueci de alguém, faz muito tempo: Ériquinha, Guará, Marília, Leandro, Jean da Poli e Andrea que o manteve ocupado um bom tempo!. Hoje ele vive feliz e contente em um sítio!

O Nebuloso SubMundo do Lu

em

Casos de Polícia:

Vem não!

SAI!!!!!!

Luís (01)

Que que tem bom? Provas, trabalhos, correria, stress, pessoas feias e deselegantes... Começo de semestre com cara de fim de semestre. Que fim de semestre, que nada; mais um martírio para se conseguir pôr as mãos no canudo. E olha que por aqui, a concorrência pelo canudo é acirrada... Tem gente que não pode ver um canudo que já vai querendo tocar, ouvir, degustar... E é uma dessas tentativas desenfreadas que inaugura a seção Casos de Polícia. Seguindo as últimas tendências do jornalismo investigativo, que conta com reconstituições primorosamente encenadas e um âncora de pulso firme, formado segundo as leis cristãs, Casos de Polícia será um meio de denúncia contra quem quer que seja. Meia página de comentários, críticas, casos, informações, sempre a serviço da verdade e da justiça. A voz que recolhe e difunde pelas páginas da imprensa escrita os anseios populares da Amazônia Peruana. Um programa vivo e simplesmente humano, escrito e irradiado pelo conhecido jornalista Lu.

Deplorável. Cada vez mais estes corredores ocres me envergonham. Mal comecei a escrever esta coluna e já recebi

uma denúncia desesperada de um leitor. Apesar de não parecer, sou um ser ético e étnico, sou de uma pluralidade sem tamanho. Eu viajo o mundo; sou quase a Glória Maria, eu vi os guerreiros de Xiang. E eu sou um guerreiro! Então, deixe-me pegar o trabuco e ir à luta.

Nosso adorável-e-ingênuo-pobre-coitado sempre desconfiou da grande simpatia de um colega de curso. Não entendia muito bem o porquê daquele sorriso postiço e daqueles olhares assustadores. Achava de uma nobreza a simpatia daquele homem; pensou que seria por causa de seu brilho natural, capaz de cativar o mais bárbaro dos seres deste mundo. Mas foi sua perdição. Em terra de cego, quem tem olho é rei; e em terras psico-acadêmicas, quem tem canudo é alvo de poucas vergonhas!

Os sorrisos cresceram; olhares se tornaram cada vez mais furtivos. Perseguido por aulas e mais aulas, nosso macambúzio pobre-coitado passou a temer o futuro. Poderia estar sendo mais uma vítima de um psicopata, capaz de mundos e fundos para se apoderar do canudo alheio. Ou seria da rosquinha alheia? Ah, não sei. Pode ser das duas coisas, né? Um amigo meu me disse que isso acontece também... É, vocês nunca ouviram falar da venda de diplomas nas universidades? E se roubam o suco de amarelo no bandeirão, por que não fariam o mesmo com uma rosquinha? Bem, o que este louco estava em busca não vem ao caso; nos detenhamos aos fatos. Passeando pelos bosques psicológicos, nosso distinto pobre-coitado encontrou aquele ser repugnante em seu caminho. Não pensou duas vezes: atravessou o matagal para não cruzar com o. Mas essa gente é mais esperta do que a gente imagina. Como uma verdadeira aparição, o louco-perseguidor-de-menininhos-já-salivando-de-tanto-sei-lá-o-que surgiu na frente do pobre-coitado. Conversa furada vai, conversa furada vem, o cara-de-pau (hummm) perniciosamente pousou sua mão ...

asquerosa sobre o peito de nosso colega e começou a apertar seu mamilo. Mas o seu farol não ficou aceso, não, principalmente depois de ser chamado de "pirata nórdico". Detalhe: nosso infeliz amigo é moreno, tem cabelos e olhos pretos como a asa da graúna, assim como um bom e alvo nórdico. Estúpido, não? Deve ser o estado de demência...

Mas não parou por aí. Observado aula-aula, o coitado foi devorado por tantos olhares. "Ele me fazia caras e bocas. Você tinha que ver a passadinha de língua que ele dava por aqueles lábios rachados!", nos conta nosso amigo. "Eu fui obrigado a deixar de vir à faculdade por causa dele", lamenta com grandes pesares o pobre coitado, que nos faz ainda uma grande revelação: o 'Maníaco da Psico', como passou a ser chamado pela população local, tinha o péssimo hábito de passar base nas unhas. E não é só isso: ele tinha a pachorra de passar base nas unhas do pé! Socorro, né?

Depois de um longo tratamento psicológico e de muitos banhos de descarrego, nosso amigo reuniu forças e dignidade para fundar uma ONG que atende outras pessoas que foram assediadas por este monstro, que continua a andar livremente por aí, em busca de novas vítimas. Isso é que é exemplo de humanidade.

Tenham em mente: Homens, unha com base não revela apenas sua orientação sexual; revela principalmente a sua falta de bom senso.

Para maiores informações, escreva para nebulosolu@hotmail.com, ou acesse www.nebulosolu.zip.net.

NAC convida todos os interessados para grupo de estudos

(Mariane Ceron – NAC)

Pessoal, nós do NAC gostaríamos de convidar todos que quiserem participar (isto não se restringe a alunos, pois funcionários e professores são muito bem vindos) a participar de um grupo de estudos.

Depois de uma rodada de auto crítica com relação ao semestre passado, iluminamos algumas possibilidades para este retorno. A crítica mais recorrente que apareceu foi que muitas vezes nos reportamos aos nossos objetos de crítica com uma certa superficialidade. O que consideramos uma ótima auto crítica, já que serviu para uma maior consciência nossa a respeito de nossa condição. Só desta forma conseguimos tomar energia e vontade para nos aprofundar nestes objetos.

O que percebemos é que muitas vezes acontecimentos do Instituto, da vida, do mundo... nos deixavam muito angustiados e levávamos muitas horas de reuniões apenas para nos reportarmos a eles a fim de melhor compreendê-los. Mas, o que aconteceu foi uma certa homogeneização e repetição das falas, argumentos e análises; o que nos produziu certo cansaço e nos desvirtuou de realizar nosso verdadeiro objetivo. Qual seja, o de aprofundar nosso entendimento da realidade na qual vivemos.

Estávamos aprisionados na superfície e para não morrermos "afogados" nesta aparente enorme diversidade nos demos conta de que precisávamos constituir um ponto de vista, um norte. Adotamos uma analogia para nossa questão. Além das ondas que vemos e nos

relacionamos a toda hora, estamos interessados também em saber como é e de onde vem a correnteza silenciosa que nos leva sem que nós consigamos perceber e quando percebemos... já era, estamos bem longe da "toalha" e de outras referências. Ou seja, somos muito "levados" e despendemos muita energia e verbo para "dar conta" de pequenos acontecimentos. O pior é que muitas vezes é mais do mesmo. E lá vai o nac, patatipatacolá! Chega de superfície! Decidimos tentar entender qual o movimento e as grandes correntezas que fazem com que estes acontecimentos todos se repitam, ou mudem. Claro que nunca saberemos totalmente, há limites, mas daí a ficarmos paralisados sem sequer tentar entender... é outra história (ou será a mesma história de sempre?)

Decidimos estudar para tentar compreender melhor o que significa esta profundidade e para tanto, inicialmente, nos voltaremos a um texto muito interessante que propõe justamente esta discussão.

Nosso desejo é chegar aos teóricos que discutiram o Brasil, a história do nosso país. Mas para tanto tínhamos que começar do começo, uma vez que o Brasil não é uma Ilha, e sua história é profundamente impactada pelo fato de ter sido colônia. Isto indica uma extrema influência da Metrópole em nossa constituição e uma produção conhecimento bastante calçada em pensadores estrangeiros. Ou seja, estamos imersos até o último fio de cabelo no pensamento ocidental,

por isso é a ele, mais particularmente aos críticos dele, que nos voltaremos inicialmente para a seguir ler os autores críticos brasileiros.

Para apreender esta correnteza profunda de forma crítica como é nossa intenção, não ia dar para fugir pela tangente, teríamos que nos voltar aos pensadores da crítica (para assim constituir um ponto de vista mais sólido). Devido a discussão sobre "tendências profundas" e pequenos fenômenos empíricos que não cessam de tomar nosso tempo com sucessivas "surpresas" – sempre muito parecidas, diga-se de passagem –, foi sugerido um texto que fala exatamente sobre isto e que lança luz a um modo de pensar a história que nos interessará em todo o percurso do grupo. Com o objetivo de entender a profundidade ou a própria idéia de negatividade decidimos navegar pela Teoria da História (continuidades e rupturas). O primeiro texto que nos propusemos a ler é A Razão na História, de Hegel. Neste texto o autor se propõe a fazer uma filosofia da História e crítica os "historiadores de ofício", que não cessam de se perder na empiria e pouco contribuem para o entendimento dos homens da realidade. O autor queria justamente lançar luz a uma dimensão não óbvia, criticando o puramente fenomênico, empírico pois ele o considera só um lado da moeda histórica. Foi neste contexto de debate que o texto foi sugerido, estará na Val segunda.

Boa leitura para todos (vamos ler o quanto pudermos até quarta, pois o texto é longo).

Como um lindo desabrochar de uma flor,
despontou em minha vida o amor.
Envolvente como a melodia de uma lenta canção
Romântica, arrebatou o meu sensível coração.

Mulher com semblante angelical,
corpó escultural, atração fatal.
Com o tempo a não concretização do romance, um mal,
Resumiu-se a uma estória de amor com um melancólico final.

Estou receoso em novamente sofrer,
Única explicação em não te corresponder,
Evitar você, e minha alma se envolver
Em vão, restando-me outra vez, padecer.

Mesmo inconscientemente se você me magoar,
Cairei num abismo infinito, lágrimas irão rolar
Pela minha face sofrida, aos prantos, e chorar
Definitivamente por não saber, uma dama, amar.

Desejo que meu primeiro amor vivencie uma nova relação
pautada por um estável relacionamento repleto de emoção.
Simultaneamente espero que esta nova dádiva possa se concretizar
E exclusivamente por você, possa eternamente, me entregar.

Anseios de um novo amor

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Nebuloso sub O Maravilhoso Mundo de MariLu

Luís (01)
em Prólogo:

EU SOU A LAURA

Nada de "saudações, caros-amigos-futuros-psicologuinhos-ou-não!". Isso é coisa de um passado longínquo e execrável. Ventos da mudança se aproximam e prometem varrer para longe tudo o que se refira à passagem da tal MariLu. Meses se passaram e cá estou eu para pôr um fim nessa história. É com enorme prazer que revelarei a todos o que aconteceu com nossa "musa".

Há muito tempo MariLu não andava muito bem. Com um ego extremamente inflado, MariLu passou a se perceber como divindade. Onisciente, onipresente, onipotente, uma verdadeira rainha dos mendigos, o focinho de uma ratazana. Lutava por um mundo melhor, pelo desenvolvimento transpessoal alheio, pela individualização dos aborígines, por um mundo onde a pulsão de vida reinasse. Muitos desejos e muitas frustrações.

Humilhada, rechaçada pelos corredores obscuramente ocres, apedrejada no meio do matagal, MariLu passou a sentir o vazio da vida real, vida esta, que uma estrela não consegue suportar. O mundo é feio, com muitas pessoas feias e mal vestidas (nisto ela tinha razão) e não estão prontas para um avanço em seus pobres

desenvolvimentos. Ora, sabiamente não costumam dizer que 'para quem é, bacalhau basta'?

MariLu não entendeu o que o mundo tinha a lhe dizer. Somos felizes em nossa miséria e quem ela pensava ser para almejar qualquer mudança? Passou a sentir o vazio, o deserto, o desespero, a falta de sentido, a depressão de um mundo injusto, preconceituoso, intransigente; sentindo não possuir auto-aceitação, sentiu que não merecia viver. O pouco de vida que lhe restava serviu para levá-la às estrelas, lugar de onde nunca deveria ter saído.

A cada dia que passava, mais eu tomava conta de MariLu. Sua partida era certa, mas a minha continuidade dependeria apenas de meus esforços. Em silêncio e pelas rabeiras, fui conquistando meu lugar ao sol dia após dia, até reunir forças suficientes para consegui-lo de vez. E quando MariLu distraiu-se pela chegada de seu príncipe (que de encantado não tinha nada), o que já se configurava havia tempos finalmente aconteceu: MariLu clivou-se. Uma grande explosão de purpurina e luzes holográficas e minha entrada triunfal neste tão calamitoso

mundo se deu: saído de seu peito, envolto por membranas ainda ensangüentadas (até hoje não entendi de onde poderia ser aquela membrana, mas enfim... Será pau de barba-timão?), com um 666 gravado no couro cabeludo e um sorriso magistralmente branco, vim mostrar ao mundo quem eu sou.

Se achavam MariLu ferina demais, vocês não viram nada ainda; ela era um doce de pessoa e leve em seus comentários. Vocês terão o prazer de acompanhar minha luta semanalmente, onde darei continuidade ao trabalho iniciado por MariLu, mas, depois de um giro de 360°, aprimorar-me-ei no cunho jornalístico. Pois o bom prefeito está voltando.

Tenham em mente: Eu sou o seio mau.

Para entrar em contato com minha digníssima pessoa, escreva para nebulosolu@hotmail.com, acesse www.nebulosolu.zip.net, ou ligue para (11) 1406 e peça o seu Ab-shape.

A última peça do quebra-cabeça: Mas o que aconteceu com as próteses de silicone de MariLu? Não, elas não foram roubadas pela travesti Janete Silver Tape. Descobri que, quando aquecidos no microondas, eles são ótimos para tirar olheiras.

Taque

Tiago
Novaes
Pós

Uma lua verde escorre no céu pálido de uma noite congelada, onde duas ou talvez mais estrelas trincadas flertam flores fechadas. É minha primeira sessão com um tal de Victor Hugot, eu o aguardo vazio cheio de frases feitas, inquieto, de lá pra cá sobre o tapete, ajeitando as luminárias, as poltronas, olhando no relógio que já aponta dezoito e trinta. É a hora.

- Podemos pensar em estar fazendo uma terapia?

- Eu sei que você deve estar preocupado em quanto custa a sessão de análise, mas antes vamos conversar um pouco, tudo bem?

- Eu cobro sessenta, é possível? Então quanto é possível?

A secretária foi embora às seis, e eu aguço em silêncio qualquer ruído de campainha pode ser ele, porque essa é também minha primeira sessão como psicólogo num consultório só meu – o que é uma fraqueza de expressão, porque o divido com uma baixinha de meia idade e meias lupo que aplica testes e atende crianças e é só isso que sei. O que mais me dá medo não é errar. É saber de sua voz grave ao telefone quando conversamos para agendar um horário. Seu silêncio surdo na linha. Já se passaram quinze minutos. Me sentarei aqui desse lado, porque nesse o paciente iria ficar de frente para a porta, e as portas são sempre tentações fugazes. Desse outro ele pode ver uns brinquedos ao canto, mas paciência, alguma coisa ele vai ver mesmo. Trouxe comigo um relógio que não é de pulso para poder ver que horas são com discrição, mas quando cheguei, vi que ele fazia tic tac muito alto, e isso poderia ser um lembrete constante para o paciente de que o tempo está lá no compasso, rodando quente e urgente. Ele pode ter se perdido um pouco, porque afinal meu consultório não é assim tão perto da estação de metrô, como meu cartão pode dar a entender. E o que, ele pegou meu cartão numa videolocadora. Tá a razão do atraso – não se pode levar à sério um psicólogo que distribui cartões em série nos estabelecimentos comerciais. Vi um filme, fiquei deprê, vou ligar para esse tal de Tiago, que palhaçada. E eu aqui, que já se vão vinte e cinco minutos de sessão passados tão depressa. Esse Hugot, que

nome, Hugot, vai chegar com suas pernas paralelas e me dizer sem piscar alguma atrocidade com certeza, que suicidou a mulher, guardou no-freezer, e agora come ela todo dia um pedacinho, no miolinho de pão, com creme de leite e champignons, esposa acebolada, empánada da velha mulher que tratá o que é que eu faço doutor – o que é que se podia fazer se eu era broxa só com ela, travesti nenhum reclamava minha disfunção erétil. Prostituição de orelha, eu aqui e ele me ouvindo esperar um cara aí que foi batizado com nome de gênio literário, que decepção do pai que esperava jus ao nome, deve fazer muito e ganhar merreca na área de informática pouco romântica. Lá fora os soldados americanos invadindo o deserto iraquiano, e eu aqui esperando sei lá quem, sei lá se vêm. Aqui eu, as unhas crescendo, o cabelo crescendo, a orelha crescendo e lá fora tem gente na padaria comendo pão na chapa e pingado. Lá fora tem a vista do Terraço Itália, e eu condensando deslocado, divagando em vão num divã, esperando Hugot. Que alívio de repente que dá, tomara que ele não venha mesmo que assim essa adrenalina toda passa, e meu pai descobre como é difícil ser psicólogo. Olha essa outra psicóloga da sala ao lado, quanto paciente a psicopedagoga. A cada meia hora um moleque que vai mal na escola entra e deixa um cheque. Ai como eu estou precisando de dinheiro para essa supervisão apressada de antecipação, só no preparo, e esse psicólogo futuro meu analista, porque não se pode atender sem ser atendido. Mas tá quase no fim, faz tempo que não pensava, foi preciso desesperar e só aí, olha só, parar pra pensar nesse mundo corrido, mundo de prático feito, é poder se ouvir, botar um ponto final nas próprias certezas, tal. Olha, falando francamente,

- Me desculpe, mas nosso tempo acabou, vamos ficando por aqui?

Este conto faz parte do livro subitamente: agora, que teve seu lançamento na última 2ª feira, 23 de agosto, as 20 hs. no Bar Balcão (Melo Alves, 150 – Cerqueira César). O autor se formou nesse instituto há dois anos, e cursa atualmente a pós-graduação, também no IPUSP.

NOTAS DIVERSAS

José Israel (01)

O PROJETO TECER OFERECE ESTÁGIO PARA ALUNOS (GRAD. E PÓS-)

O Laboratório TECER desenvolve pesquisas e estratégias de tratamento para crianças que apresentam distúrbios graves. Distúrbios estes que a psiquiatria denomina psicose, autismo, deficiência mental, epilepsia e outros. Trata-se de um serviço no interior da Universidade de São Paulo, para servir os diferentes públicos de forma gratuita. "O sucesso deste projeto depende do apoio da iniciativa privada e suporte da sociedade."

CdoProf^a
Associada Jussara Falek
Brauer – IPUSP – Dep. de
Psicologia Clínica

Conheça melhor o Projeto
TECER no:
www.projetotecer.com.br

II CICLO DE OFICINAS
PEDAGÓGICAS – CURSO
DE PEDAGOGIA – SANTA
PAULINA - IPIRANGA –
UNIVERSIDADE SÃO
MARCOS

Área: Psicologia e
Educação — Oficina:
Ensinando a lidar com as
perdas através da literatura
infantil

Prof. responsável:
Lucélia Paiva (psicóloga,
doutoranda do Instituto de
Psicologia da USP na rea de
Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano)

—
a ser realizada dia 28 de
agosto, das 8:30 às 12:30
horas, na Unidade João
XXIII, Rua Clóvis Bueno de
Azevedo, 237. Telefone:
3491-0500 e o ramal 5584.

Evento dia do Psicólogo Psicologia, Profissão e Políticas. E o IPUSP?

Enviado por Domenico – Pós/PST

A Lei 4119/62 que criou a profissão do psicólogo faz 42 anos nesse 27 de agosto. Uma profissão que atinge o amadurecimento no país. Porém não é uma data para se comemorar, mas sim para refletir criticamente sobre a profissão Psicologia no Brasil. Refletir se o campo de atuação se ampliou, refletir sobre o mercado de trabalho, refletir sobre as entidades de classe, suas resoluções, suas políticas e sobre a contribuição do IPUSP para esse panorama. Será que é apenas formando bons profissionais? Ou será que podemos ter uma atuação orgânica e coletiva na construção da Psicologia no país?

Para quem não sabe, as entidades regulamentadoras da profissão são o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia; estas entidades regulamentam e fiscalizam o exercício profissional. Ou seja, regulamentar quer dizer instituir uma série de resoluções para a profissão que altera a cada dia a nossa "cara", e isso é muito bom, pois podemos assim evoluir e ampliar nossa atuação. Já o Sindicato é a entidade que representa diretamente ao psicólogo no que se refere às questões trabalhistas.

Cada gestão dos Conselhos (e do Sindicato) dura três anos e nesse próximo dia 27 haverá eleições para os Conselhos, porém infelizmente com chapas únicas. Estas chapas orientarão suas ações nas deliberações do V - Congresso Nacional de Psicologia (CNP), instância máxima de deliberação dos psicólogos, que ocorreu em junho deste ano em Brasília com a participação de cerca de 180 psicólogos delegados de todo o país (sendo eu um dos delegados do Estado). Podemos adiantar que foram aprovadas propostas importantíssimas e polêmicas para o exercício profissional que

certamente influirão em nossa atuação.

Dessa forma, pretendemos nesse primeiro evento, discutir algumas questões emergentes na profissão Psicologia, polemiza-las e refletir sobre a participação do IPUSP em seus diferentes segmentos.

Assim, para "comemorar" o dia do psicólogo, marcamos o evento "Psicologia, Políticas e Profissão: E o IPUSP?" para dia 25/08 às 12h no Auditório Aurora Furtado. Convidamos para esse encontro inicial:

Mesa-Redonda:

Profa. Titular Maria Helena Souza Patto – Diretora do IPUSP

Profa. Livre Docente Maria Inês Assumpção Fernandes—
Coordenadora do Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social (LAPSO)

Adriana Marcondes – Psicóloga do IPUSP e participou do Conselho Federal de Psicologia (CFP)

Domenico Uhng Hur—
Mestrando (PST) e psicólogo-delegado no V-Congresso Nacional de Psicologia (CNP)

Letícia Larangeira Carvalho—
Representante da Coordenação Nacional de Entidades Estudantis de Psicologia (CONEP) e do Centro Acadêmico Iara Iavelberg (CAII)

Data: 25/08/04 – quarta-feira -
12h – Auditório Aurora Furtado
Realização: LAPSO e CAII

Esperamos a participação ativa da comunidade IPUSP para que possamos discutir e refletir coletivamente sobre a Instituição Psicologia no Brasil.

**DESCULPEM
A NOSSA
FALHA**

Pois é, pessoal, o BOCA não circulou na semana de 18 a 24.08.04. Apesar dos nossos esforços para superar uma escassez temporária de diagramadores (estamos em fase de treinamento de novos colegas interessados em diagramar), não conseguimos iniciar e completar a diagramação na mesma semana, nem mesmo editar o BOCA no formato WORD.DOC, como já o fizemos anteriormente.

Pedimos desculpas pela ausência do BOCA em período normal de aulas, a primeira dos últimos três anos de edição contínua. Especialmente nos desculpamos com os autores dos textos datados (José Israel, Mariane Ceron e Tiago Novaes), que ficaram parcial ou totalmente vencidos. Incluímos no BOCA desta semana (25.08.04) os textos ainda válidos, embora parcialmente, que não puderam ser publicados.

C. O. DO BOCA

Paulo Pita (03)

C.O.N.E.C.T.A.Í.F.O

